



ENTREVISTA

Ao escritor e professor Aleilton Santana da Fonseca *Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)*

Por Adriano Portela dos Santos

APRESENTAÇÃO

O escritor e professor Aleilton Santana da Fonseca foi o entrevistado para a seção Diálogos com Docentes da 19ª edição da Revista Inventário. Aleilton Fonseca adentrou o mundo das Letras ainda na infância, quando se fascinou pela leitura. Do fascínio à leitura, passou ao gosto pela escrita, de modo que já na adolescência publicava em jornais locais. Atualmente são cerca de 15 livros individuais (poesia, contos, romances, ensaios) e vários livros coletivos e várias antologias.

Desejando qualificar a carreira como escritor, Aleilton decidiu cursar Letras. Concluiu a graduação em Letras Vernáculas (Licenciatura) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1982; dez anos depois concluiu o Mestrado em Letras pela mesma Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com a dissertação intitulada "Enredo Romântico, Música ao Fundo - Manifestações Lúdico-Musicais no Romance Urbano Oitocentista". Em 1997, concluiu o doutorado em Literatura Brasileira, pela Universidade de São Paulo (USP) defendendo a tese "A Poesia da Cidade - Imagens

*urbanas em Mário de Andrade". Desde 1999, atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (ProgEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde atualmente é professor pleno (titular) e coeditor de *Léguas & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural* (UEFS). Desenvolve pesquisa sobre Imagens urbanas na literatura brasileira, com ênfase em poesia, cidade, ficção, experiência urbana, ecologia, abrangendo autores modernos e contemporâneos. É membro da Academia de Letras da Bahia, onde coordena o Curso Castro Alves/Colóquio de Literatura Baiana (2005-2016). Em 2009 recebeu a Medalha Euclides da Cunha, da Academia Brasileira de Letras; em 2013, o título de Professor de Honra, da Uninorte, em Assunção, Paraguai; em 2014, a Medalha Camões (Núcleo de Artes de Lisboa), o Troféu Carlos Drummond de Andrade e a Comenda do Mérito Cultural, do Governo do Estado da Bahia.*

O currículo do escritor e professor disponível no seguinte endereço: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4700031P0>. Pode-se conhecer melhor sua produção literária acessando: <http://aleilton.blogspot.com.br/>.



REVISTA INVENTÁRIO: Você nasceu no Sul da Bahia. Como surgiu o interesse por Letras e pela Docência? O que suas origens têm a ver com essa escolha?

ALEILTON FONSECA: Tudo começou em Ilhéus, cidade de minha formação, na infância e adolescência. Na origem de tudo está o gosto pela leitura, pelo universo mágico das palavras, das narrativas e das imagens. Encontrei cedo minha vocação. Logo que alfabetizado, encontrei na narrativa e na poesia um refúgio mental, onde o prazer e o bem-estar eram garantidos em face das obrigações e lições cotidianas. Um dia, creio que em 1968, a diretora do Grupo Escolar Dom Eduardo, de Ilhéus, a Profa. D. Laurinda Mendes de Santana, me apanhou pela mão, no pátio do recreio, e me levou até uma sala. Inaugurava-se

ali a pequena biblioteca da escola. Fui fichado como primeiro leitor, e pude levar para casa, por empréstimo, 3 livros: *As fábulas de Esopo*, *As caçadas de Pedrinho* e o livro *Narizinho*, ambos de Monteiro Lobato. Aquelas descobertas fertilizaram minha imaginação e moldaram minha trajetória. A partir dali não parei mais de ler. Li de tudo, desde bula de remédio, jornais, revistas em quadrinhos, livros de bolso, romances populares, cordel, faroeste americano... e até mesmo o “livro de São Cipriano da capa preta”. Eu colecionava todas as revistas da linha Disney e outras de super-heróis como Superman, Homem-Aranha, Mandrake, Fantasma etc. Nessa época li a *Bíblia* inteira e *O livro dos espíritos* de Alan Kardec. Li *Os sertões* de Euclides da Cunha, li um dicionário inteiro de literatura brasileira e um dicionário gramatical. Lia Jorge Amado, Adonias Filho, Hélio Pólvora, Telmo Padilha e outros autores locais que me caíam às mãos. Ia ao cinema e ao futebol quase toda semana. Ia à praia e perambulava pelos bairros da cidade para conhecer as pessoas. Parava para observar a movimentação nas ruas, nas feiras, no comércio, nas calçadas. Nessa fase, eu andava pelas bibliotecas públicas e escolares, lendo poesia romântica, simbolista, parnasiana e modernista em pequenas brochuras paradidáticas. Às vezes, fazia as refeições com um livro aberto na mesa. Lia poesia e todo tipo de ficção por conta própria, ao lado das leituras obrigatórias dos livros didáticos. Ao receber os livros escolares, em dois meses eu já os havia lido todos, o que me tornava um aluno “adiantado”, que já havia visto antes cada lição que os professores iam dando durante o ano letivo. Li *O empalhador de passarinhos*, primeiro livro de crítica modernista, de Mário de Andrade, aos 17 anos. Tomei emprestado na biblioteca pública pensando que era um livro de ficção, mas gostei de ler os textos e fui até o fim. Ainda na adolescência passei a escrever e a publicar em jornais escolares, logo depois, aos 18 anos, passei a publicar esparsamente no *Jornal da Manhã*, em Ilhéus, no antigo *Jornal da Bahia* e em *A Tarde*, ambos de Salvador. Para fazer o vestibular, fiquei em dúvida entre Letras e Jornalismo. Escolhi fazer Letras na UFBA, e me mudei para Salvador. Optei pelas letras a fim de criar um vínculo diário com a literatura, como forma de manter e sustentar o sonho de ser escritor.

REVISTA INVENTÁRIO: Você faz parte da “Coleção dos Novos”, da FUNCEB, que publicou 14 novos autores baianos no início da década de 80 e fixou o perfil da Geração 80 no estado. Você poderia falar sobre a Geração 80, suas contribuições para a literatura baiana e como a academia tem se apropriado dessa contribuição?

ALEILTON FONSECA: A **Coleção dos Novos** foi uma ideia brilhante, criativa e generosa concebida pela saudosa escritora Myriam Fraga, ao assumir a chefia do Setor de Literatura, da Fundação Cultural do Estado da Bahia, em 1981, na gestão de Geraldo Machado, sendo diretora do Serviço de Difusão Cultural e Editoração D. Zilah Azevedo. Abriu-se um edital para receber originais ao qual acorreram alguns jovens baianos que começavam a escrever, publicavam em jornais, mas ainda eram inéditos em livros. Uma comissão editorial de alto nível, formada pelos escritores Ruy Espinheira Filho, Florisvaldo Mattos, José Carlos Capinan, Guido Guerra e Claudius Portugal, procedia uma rigorosa seleção dos livros, mediante dois pareceres críticos. Com isso, entre 1981 e 1982, nada menos que 14 obras foram lançadas, com grande êxito e repercussão nos meios literários locais e nacionais. Nesta coleção surgiram nomes como Carlos Ribeiro, Mirella Marcia, Roberval Pereyr, Iderval Miranda, Marcos A. P. Ribeiro, Dalila Machado e Washington Queirós, que se firmaram como parte da chamada geração 80-90 na Bahia. Essa geração tem na verdade quatro vetores básicos de formação: a Coleção dos Novos, o concurso Prêmios Literários da UFBA, O movimento poetas na praça e o grupo da revista *Hera*, editada em Feira de Santana. Somente no final dos anos noventa surgiu a revista *Iararana* (1998-2007), representativa dessa geração em Salvador, que agregou mais alguns nomes antes dispersos em publicações pontuais. Fundamentalmente, desses três vetores surgiram os principais nomes que se consolidaram na Bahia, com inserção em antologias nacionais e internacionais, e em editoras de alcance nacional. Essa geração tem um perfil de atuação marcadamente universitário, pois vários nomes se dedicam à carreira acadêmica, com titulação de doutorado e pós-doutorado, como pesquisadores, docentes, ensaístas, produzindo poesia, ficção e ensaio, como autores múltiplos, no campo da produção, do ensino e da reflexão teórica e crítica, numa tendência que, aliás, tende a ser predominante em todo o país. A principal contribuição dessa geração 80-90 foi a ampliação da atividade literária em consonância com a atuação acadêmica, e um maior diálogo com o público através de jornais, palestras, revistas, eventos públicos. Isso vem contribuindo para ampliar a presença da literatura baiana nos colégios e nas universidades, nos cursos de Letras, no ensino fundamental e médio. De modo que os autores passam a contar com um maior público leitor, que poderá ser capaz de sustentar, no futuro próximo, um sistema literário completo, com fluxo contínuo de obras, autores, críticos, pesquisadores, editoras e comercialização. Um universo do livro em rotação.

REVISTA INVENTÁRIO: Atualmente você desenvolve o projeto de pesquisa “Imagens urbanas e ecológicas na literatura brasileira”, que “se destina a estudar as representações de imagens urbanas e ecológicas na literatura brasileira, salientando as relações que se estabelecem entre as ações humanas, os lugares, as paisagens e os elementos culturais, em obras de poesia e de ficção de autores representativos do século XX e XXI” (descrição do currículo *Lattes*). Naturalmente, o projeto relaciona-se com seu interesse, enquanto escritor e pesquisador, pela literatura de viés regionalista, entendida em sentido amplo. Fale-nos sobre essa temática.

ALEILTON FONSECA: A poesia, a ficção e o drama constituem formas de reflexão e conhecimento que nos ajudam a pensar a vida e o planeta como espaço de convivência entre os diferentes povos e culturas. Ao tematizar a vida cotidiana na cena urbana e projetar na escrita as imagens das paisagens naturais, a literatura oferece diversos aspectos que condicionam seus sentidos, sua forma e, conseqüentemente, tornam-se elementos de exegese, análise e interpretação. Urbanidade e ecologia se relacionam nos textos, numa dialética de representação da vida, tensões e desafios, problemas e possíveis soluções. O tema me interessa como leitura e vivência, enquanto leitor, pesquisador e escritor. Não vejo “viés regionalista” nesse campo de interesse, nem aceito essa noção como própria ao campo literário. O conceito de regionalismo literário é um dos grandes equívocos que infelizmente ainda sobrevivem na contemporaneidade, como resíduo de uma formação crítica do século passado. Existe apenas na crítica brasileira. Nunca se ouviu falar de um “regionalismo” francês, ou americano ou português. *Gaibéus*, de Alves Redol, espelhou *Cacau*, de Jorge Amado. Os críticos portugueses não o rotulam de “regionalista”. A origem do conceito, no século XIX, teve motivação ideológica, na discriminação entre corte e província. Sua inspiração é de fundo cientificista, refletindo o ambientalismo e o determinismo do meio sobre o comportamento dos indivíduos. Daí estenderam a ideia aos temas, às personagens, aos autores. Ora, o cientificismo se exauriu, com seus falsos conceitos, mas deixou esse “penduricalho” na crítica literária nacional, um falso truísmo. Não é um conceito operacional, de natureza intrinsecamente literária. Trata-se de uma noção externa, uma classificação arbitrária, segregadora e rebaixante. A expressão “de viés regionalista” já denota uma restrição que inferioriza, de antemão, qualquer temática vinculada ao universo de uma cultura local, com

sua linguagem, seus valores, sua paisagem, seu imaginário. Quando Mário de Andrade fala do Rio Tietê, é tão universal quanto Fernando Pessoa ao falar do Rio Tejo. Portanto, ao falar do Rio Jequitinhonha o poeta Sosígenes Costa tampouco é “regional” por isso. Drummond escreveu o poema “Águas e mágoas do Rio São Francisco”, em que lamenta a degradação do rio histórico e emblemático. Ninguém cogita considerá-lo um texto “regionalista”. Telmo Padilha escreveu um poema sobre a forma e a plasticidade do Rio Cachoeira, que passa em Itabuna, sul da Bahia. Seria, então, uma escrita “regionalista”? Todo poeta de qualquer lugar do mundo, ao falar do rio que banha sua terra natal exprime uma experiência do ser humano no seu lugar de origem, de passagem ou visitação. Eu escrevi um poema sobre o Rio Tietê, situado em São Paulo, assim como escrevi um poema sobre o Rio Cururupe, localizado em Ilhéus. Qual dos dois seria “regional”? No romance, para dar um exemplo, pode-se analisar *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro, em termos de linguagem, narrativa, geografia, política, imaginário e cultura, – sem aplicar jamais o falso conceito “regionalista”, sem o qual dará conta do romance plenamente. Todavia, basta tentar provar que se trata de uma fic o “regionalista” ou, como inventam alguns, “neo-regionalista”, que a análise so obra e se embaraça em argumentos frouxos, contestáveis e sem sustentac o plausível   luz dos conceitos atuais. O mesmo se pode dizer quanto ao romance *Essa terra*, de Ant nio Torres, que tematiza a migrac o nordestina para São Paulo, e suas consequências relacionais, sociais e econ micas. Hoje, tentar demonstrar o “regionalismo” de uma obra é de um reducionismo lamentável e risível. Não   toa um autor como Milton Hatoum rechaça de saída qualquer entrevistador que lhe pergunte pelo “regionalismo” de seus romances ambientados no solo cultural amazonense. Nenhum autor aceita de bom grado o reducionismo de uma conceito equívoco, anacr nico e inoperante. Considero que a crítica e a ensaística contemporâneas precisam sair de suas zonas de conforto, a fim de reinventar abordagens que os libertem dos preconceitos da crítica do século XX, muito dos quais ainda vigentes em sala de aula dos cursos de Letras.

REVISTA INVENTÁRIO: Vem crescendo no cenário latino-americano o que se chama Ecocrítica (*ecocriticism*), termo utilizado pela primeira vez por William Rueckert, num artigo de 1978, para se tratar das rela es entre Ecologia e Literatura. Greg Garrard v  a Ecocrítica, em livro hom nimo, como um desdobramento recente dos estudos literários e culturais. Desse modo,

pode haver uma perspectiva ética, como a própria junção ética sugere, mas “a preocupação da Ecocrítica é igualmente a de manter os textos presos aos lugares e espaços de onde surgiram”¹. Dito isto, poderíamos dizer que o projeto de pesquisa “Imagens urbanas e ecológicas na literatura brasileira” está intencionalmente associado à abordagem ecocrítica da literatura? Se não, essa confluência de olhares pode ser entendida como uma busca natural dos estudos literários de se recolocar nos novos cenários socioculturais?

ALEILTON FONSECA: Ao longo dos anos, as tendências crítico-conceituais surgem, se desenvolvem, dão sua contribuição e refluem, passando para a história do pensamento crítico, em cada período. De fato, questões novas surgem e se multiplicam, demandando novos olhares e novas abordagens. A ecocrítica é uma tendência recente que surge no influxo das preocupações com as relações predatórias do ser humano com o planeta, quando se tem buscado refletir sobre a necessidade de uma maior conscientização ecológica e sustentável nos diversos setores do saber. Na literatura não seria diferente. No entanto, é preciso atentar também para as amarras teóricas que acabam direcionando o saber crítico para determinados aspectos, obras e autores. A literatura sempre será muita mais vasta do que qualquer recorte temático, conceitual e crítico que se possa engendrar. Daí a necessidade de uma convivência de tendências, da permanência de uma crítica sem adjetivos restritivos, ao lado das diversas tendências específicas. Ou seja, é preciso manter uma democracia crítica e conceitual, em que todas as tendências sejam respeitadas, debatidas e compartilhadas, independentemente da formação de grupos de poder dentro dos departamentos acadêmicos, dos grupos editoriais, das instâncias deliberativas das agências de fomento. Em *O demônio da crítica*, Antoine Compagnon já nos alerta para a problemática dos grupos de poder nas academias, em suas guerras surdas por espaços de hegemonia e verbas de pesquisa. De minha parte, penso na abordagem do tema ecológico nos textos, mas sem dobrá-la a uma nomenclatura específica, que caracterizaria um grupo restrito, com lideranças teóricas inquestionáveis e linhas de abordagem exclusivistas. Prefiro ficar livre, e dialogar com todas as tendências, numa espécie de policrítica, que me parece mais dinâmica, mais arejada e não dogmática. Ao ser menos densa teoricamente, essa abordagem dá primazia à fala do texto, deixando-o ocupar o primeiro plano do discurso, como que se

¹ MARQUES, Ricardo: s.v. “Ecocrítica”, E-Dicionário de Termos Literários Carlos Ceia (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 24.10.2016.

autoapresentando, sob uma perspectiva ativada pelo olhar crítico. Não afirmo sobre um texto o que está na teoria, mas confirmo o que está no texto à luz da teoria. Minha vontade de pesquisa não nasceu de uma preparação teórica prévia que me teria levado à abordagem do tema. Ao contrário, a motivação tem origem numa escolha volitiva, que tem a ver com as minhas raízes culturais e literárias. Nasci numa pequena fazenda, no meio da mata atlântica, cercado de árvores, plantações, pastos, riachos e caminhos, na zona rural de Itamirim, hoje Firmino Alves-Bahia. Cresci em Ilhéus-Bahia, num grande quintal de frutíferas, plantas medicinais, flores, coqueiros, bananeiras e sombras, à beira de um rio ladeado por verdes manguezais. Essa paisagem me habita e me define como ser de um tempo e um lugar. A partir dos 20 anos, ao me fixar em Salvador-Bahia, e me tornar um habitante da imensa floresta de cimento armado, calçadas e asfalto, desenvolvi uma consciência híbrida e ambivalente, num entre-lugar de vida, pensamento e escrita. Sou, portanto, um ser viajante. Recupero as minhas paisagens e alimento minhas identidades através de 3 modos: viagens constantes aos lugares, leituras das paisagens na literatura e escrita dos lugares que habitam em mim. São discursos de vivências, imaginação e representações. Engendo o meu equilíbrio como ser na proximidade com a água, a terra, o ar e o sol, – elementos de meus berços natais. Às vezes eu viajo até lá somente para tomar banho de mar e de rio e para sentir a claridade úmida e respirar o ar clorofilado de suas matas. Já viajei por vários países, e em todos fui conhecer os rios, as terras, as plantações, os matos. Quando fui à França, por exemplo, não percorri apenas os monumentos, museus e ruas de Paris. Fui visitar também as plantações, as árvores e os rios em pequenas comunidades rurais, ao sul e ao norte. Assim também o fiz na Itália, Hungria, Alemanha, Argentina e Paraguai. Por isso percorro essas marcas na escrita dos autores que me chamam a atenção. Eu me identifico visceralmente com essa experiência e essa escrita. Eu fui a Cordisburgo, Goiás Velho, Itabira e Belmonte para colher a perspectiva do olhar de seus poetas Guimarães Rosa, Cora Coralina, Drummond e Sosígenes Costa. São viagens de imersão e aprendizagem. Fiz um estudo sobre a voz da mata na ficção de Jorge Amado, em *Terras do sem fim*. Escrevi o ensaio “Os acordes do lugar: a lira ecológica de Sosígenes Costa”. De fato, procuro ler o Rio Jequitinhonha, os coqueirais, os pássaros, as paisagens multicores da mata atlântica na poesia de Sosígenes Costa. Considero que há nos textos literários lições e linguagens cifradas que nos instigam a pensar no *oikos* como entidade com a qual precisamos dialogar, não do ponto de vista da lógica de exploração de seus

recursos, mas do ponto de vista de uma convivência respeitosa, fraternal e sustentável. Quando Drummond escreve “Adeus a Sete quedas”, a sua poesia transcende a linguagem lírica e nos projeta numa relação visceral com a natureza, ao aguçar a visão autocrítica da ação humana sobre a paisagem viva. O poeta lamenta e denuncia: “Sete quedas por nós passaram e não soubemos amá-las. E todas sete foram mortas”. Essa reflexão é tão óbvia quanto necessária e urgente. Nesse momento crucial de crises e incertezas planetárias, a literatura não deve ser vista como um discurso à parte do mundo cotidiano, apenas como uma forma de linguagem artística. Não sou adepto de uma determinada linha teórica em si, nem me limito às suas nomenclaturas. Sou adepto da ficção e da poesia, utilizando todas as formulações críticas disponíveis que possam me ajudar no diálogo com suas vozes e silêncios.

REVISTA INVENTÁRIO: Muitas vezes, há uma expectativa por parte dos (as) estudantes de que a entrada no Curso de Letras significa um suporte, uma motivação para a criação literária. Todavia, nem sempre isso acontece, e os estudantes (as) terminam o curso com a sensação de estarem enredados na crítica e distantes da produção literária. Como você, que consegue conjugar a pesquisa e a produção literária, vê isso especificamente? Haveria uma lacuna nos cursos universitários? Precisamos repensar, portanto, a universidade?

ALEILTON FONSECA: Não se faz curso para ser poeta. Ninguém se torna escritor através da leitura das teorias literárias. Não há lições para se fabricar um romancista. Como todo ofício, é preciso haver vocação. Se há aptidão, o poeta ou ficcionista surge em ação. Mas a vocação por si só não garante bom desempenho criativo. É preciso despertar e lapidar o talento da escrita. Nesse caso, todas as leituras, os conceitos, os ensinamentos e as dicas ajudam a formar melhor o escritor, dando-lhe experiência, segurança e consistência. O escritor precisa conjugar vocação, talento, formação, preparo e determinação. Toda a sua trajetória é uma aprendizagem sem fim para produzir sua obra, da forma a mais perfeita e significativa possível. Diante de suas obras, os leitores farão suas escolhas, para além de sua vontade e de seu desempenho. A trajetória de cada obra – seja ela bem sucedida ou não – não depende do autor, mas sobretudo dos leitores, dos editores e dos estudiosos.

REVISTA INVENTÁRIO: Você tem uma relação interessante com as escolas da Educação Básica, recebendo constantes convites para ir tratar de literatura

com os alunos dessas escolas. Pensando ainda sobre concepção de universidade, isso seria um tipo de extensão universitária? Quer dizer, a partir de sua própria experiência, seria pertinente um modelo de universidade que favorecesse institucionalmente esse tipo de ação? Que ganhos o ensino, a pesquisa e a produção de Literatura entraria daí?

ALEILTON FONSECA: O escritor pode contribuir para a motivação e a formação do leitor, indo às escolas falar com os alunos, discutir seus textos com eles, respondendo as suas perguntas. Para tanto é preciso haver projetos e convites dos professores e das escolas. Mas poderia haver oferta das universidades, como parte de suas ações de extensão. Como sou escritor e professor universitário, essa ação se configura como uma atividade de extensão que venho fazendo há vários anos. Mas é uma ação pessoal, espontânea e não institucional. Com base nessa experiência, considero que a universidade poderia instituir projetos de extensão destinados a melhorar a motivação e o interesse do jovem leitor, promovendo encontros e diálogos com estudiosos e escritores. O problema da extensão e da pesquisa na universidade é que, em geral, as ações ocorrem de acordo com os interesses pessoais dos docentes, quando poderiam também constituir linhas institucionais de ação para as quais os professores seriam motivados, convidados ou convocados. Se a extensão fosse um projeto amplo, institucional, coletivo, as ações seriam mais efetivas e duradouras, com resultados concretos e mensuráveis ao longo dos anos. A aproximação entre os campos de ensino, pesquisa e extensão em busca de melhorar a formação de leitores e a motivação da leitura teria reflexos na qualidade da intervenção universitária na sociedade, criaria parâmetros de aferição da qualidade de leitura nas escolas e constituiria um campo de pesquisa muito fértil para diversos projetos de estudo. Enfim, seria um elemento catalisador de um sistema literário nas escolas, envolvendo docentes, pesquisadores, leitores em formação e escritores. Isso seria um sonho e uma esperança de tornar a literatura mais presente na educação como uma ferramenta de formação da cidadania.

ALGUNS LIVROS DE ALEILTON FONSECA:

Movimento de Sondagem. Salvador; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981.
“Coleção dos Novos, vol. 2 – série Poesia”.

Enredo romântico, música ao fundo. Manifestações lúdico-musicais no romance urbano do Romantismo (ensaio). Rio de Janeiro: 7Letras, 1996.

Oitenta: poesia e prosa. Coletânea comemorativa dos 15 anos da “Coleção dos Novos”. Salvador: BDA-Bahia, 1996. (org. Aleilton Fonseca e Carlos Ribeiro).

O desterro dos mortos (contos). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. (2. ed 2010, 3.ed 2012, pela Via Litterarum).

O canto de Alvorada (contos). Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. (2.ed 2004)

O triunfo de Sosígenes Costa. Ilhéus: Editus, 2004. (Org. Cyro de Mattos e Aleilton Fonseca)

Nhô Guimarães. Romance-homenagem a Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

Les marques du feu et autres nouvelles de Bahia. Paris: Lanore, 2008. (Tradução de Dominique Stoenesco).

Guimarães Rosa, écrivain brésilien centenaire. Bruxelas, Librairie Orfeu, 2008. Tradução de Dominique Stoenesco)

O olhar de Castro Alves. Ensaio crítico de literatura baiana (org.). Salvador: ALB/ALBA, 2008

O pêndulo de Euclides (romance). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

Memorial dos corpos sutis (novela). Salvador: Caramurê, 2012

As marcas da cidade (contos). Salvador: Caramurê, 2012

Um rio nos olhos / Une rivière dans les yeux. Ilhéus: Mondrongo, 2012 (trad. Dominique Stoenesco).

Jorge Amado nos terreiros da ficção (ensaios). Itabuna: Via Litterarum; Salvador: Casa de Palavras/FCJA, 2012. (Org. Myriam Fraga, Aleilton Fonseca, Evelina Hoisel).